

> *Celebração do Obon em uma família okinawana em São Paulo*

Gabriela Tamy Gushiken

> gabitamy@gmail.com

Doutoranda em Sociologia

Universidade Metropolitana de Tóquio



> Celebração do *Obon* em uma família okinawana em São Paulo

Gabriela Tamy Gushiken
 <https://orcid.org/0000-0003-4944-6356>
> gabitamy@gmail.com
Doutoranda em Sociologia
Universidade Metropolitana de Tóquio

Apresentação

Durante a minha infância e adolescência, minha avó paterna guiava os rituais de Culto aos Antepassados em minha família. Com o seu falecimento, passei a me interessar mais profundamente por este nebuloso universo particular, quando a organização dos rituais se tornou responsabilidade das demais mulheres da família.

Em Okinawa e em sua diáspora, líderes espirituais são majoritariamente mulheres (BOLLINGER, 1969; BELL, 1984; MORI, 2012) e a organização dos rituais é considerada uma responsabilidade feminina, embora o *butsudan* passe de geração em geração através dos filhos primogênitos. O Culto aos Antepassados é parte fundamental da religião local de Okinawa, considerada animista (LEBRA, 1985) e que combina elementos do Budismo, Xintoísmo, Taoísmo e Confucionismo. (BOLLINGER, 1969; HESHIKI, 1990)

No contexto da diáspora de Okinawa¹, a continuação do Culto aos Antepassados é uma forma de manutenção de laços entre familiares

¹ Okinawa era o reino independente de Ryukyu até sua anexação forçada ao território japonês em 1879. A ilha foi palco de uma das mais sangrentas batalhas da II Guerra Mundial e se tornou uma ocupação americana de 1945 até 1972, quando voltou a ser uma província japonesa. As turbulentas condições históricas no arquipélago desencadearam um movimento migratório durante o século XX, com sentido a países como Estados Unidos, Brasil, Peru e Bolívia.

e *shimanchuus*, mecanismo de uma comunidade marginalizada para superar desvantagens cumulativas (DIMAGGIO e GARIP, 2012), através de uma construção social baseada em conceitos abstratos (DEVOS e WAGATSUMA, 2006) como *yuimaru* e *ichariba chode*.

A prática do *Obon* em Okinawa, evento do calendário Budista que concentra diversos rituais de preparação da casa para o retorno dos espíritos dos antepassados, se assemelha mais aos rituais em Taiwan do que no Japão, característica possivelmente relacionada com a introdução de elementos Budistas trazidos diretamente da China (HESHIKI, 1990). Apesar disso, os participantes deste ensaio não se consideram Budistas, mas se identificam com a religião de Okinawa, sintetizada através do Culto aos Antepassados.

Este ensaio combina registros fotográficos realizados no *Obon* de 2016 e 2018, quando me comprometi a participar e observar esses eventos mais atentamente, para guardar recordações e refletir sobre seus significados.

Busquei expressar o papel das mulheres na criação e manutenção do ritual religioso, que se mostra especialmente significativo dentro do contexto da imigração e da identidade étnica. Como discutido por Shimabuku (2020), sobre a fluidez entre as percepções de identidade “okinawana”, “japonesa” e “brasileira”, estruturadas pela relação colonial entre Japão e Okinawa, que criou as condições para a diáspora okinawana durante o século 20 e conseqüentemente a vinda dessa população ao Brasil, podemos interpretar o *Obon* não apenas como a expressão do retorno dos antepassados à casa mas também como uma forma de “retorno” e fortalecimento do senso de pertencimento à comunidade em que a família está inserida e que compartilha lembranças, experiências e antepassados em comum.



Figura 1 — O Obon é dividido em três dias, *Unke*, *Nakabi* e *Ukui*. *Unke* representa o início dos preparativos para o Obon, seu significado é o retorno dos antepassados à casa. *Nakabi* significa o dia do meio. *Ukui* significa partida e é o último momento do Obon, quando toda a família se reúne para se despedir dos antepassados. Nessa imagem, minhas tias, Fusako e Sueko, da esquerda para a direita, compram parte dos ingredientes em um mercado de produtos orientais do bairro. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 2 — Uma particularidade do Obon são as oferendas de frutas, distribuídas em dois pratos forrados com papéis vermelhos, amarelos e brancos. Segundo Fusako, essas cores representam fogo, sol e paz. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 3 — O *butsudan* é decorado com arranjos de flores coloridas durante o Obon, pois segundo Fusako, essa é uma celebração como uma festa de Ano Novo. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 4 — Durante os preparativos, diferentes pratos vão se acumulando na mesa da cozinha, usada para prepará-los e organizá-los em pratos e travessas que serão posteriormente oferecidos aos antepassados no *butsudan*. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 5 — Yaeko, viúva do meu tio mais velho, prepara a maior parte dos pratos doces. Nessa imagem, ela espreme o inhame cozido para preparar um tipo de bolo cozido no vapor.

Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 6 — A massa do bolo tem uma cor amarronzada pois é adoçada com açúcar mascavo. O fundo da panela é forrado com folhas de uma planta chamada sannin em *uchinaaguchi* ou *gettoo* em japonês. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 7 — A folha de sannin tem um aroma doce e perfuma o bolo. Ela é usada também para a confecção de outros tipos de doces cozidos no vapor, como o nantu (conhecido como muuchi em Okinawa), uma espécie de bolinho de arroz glutinoso cuja massa pode ser misturada com doce de feijão, pasta de soja fermentada e açúcar mascavo, entre outras combinações. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 8 — Entre os *gwatis* salgados, são feitos muitos tipos de tempura, em que pedaços de vegetais, tofu ou peixe são fritos por imersão. A variedade de alimentos é grande pois os pratos que compõem as oferendas devem conter de 5 a 11 tipos de *gwati*, sempre um número ímpar de variedades. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 9 — Desde o *Unke*, as frutas e as flores são colocadas dentro do *butsudan*, mas oferendas representando cada refeição são depositadas em frente ao *butsudan* recorrentemente durante os três dias do *Obon*. As oferendas são feitas por Yaeko, que acende três incensos em cada uma das vezes em que coloca uma nova oferenda. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

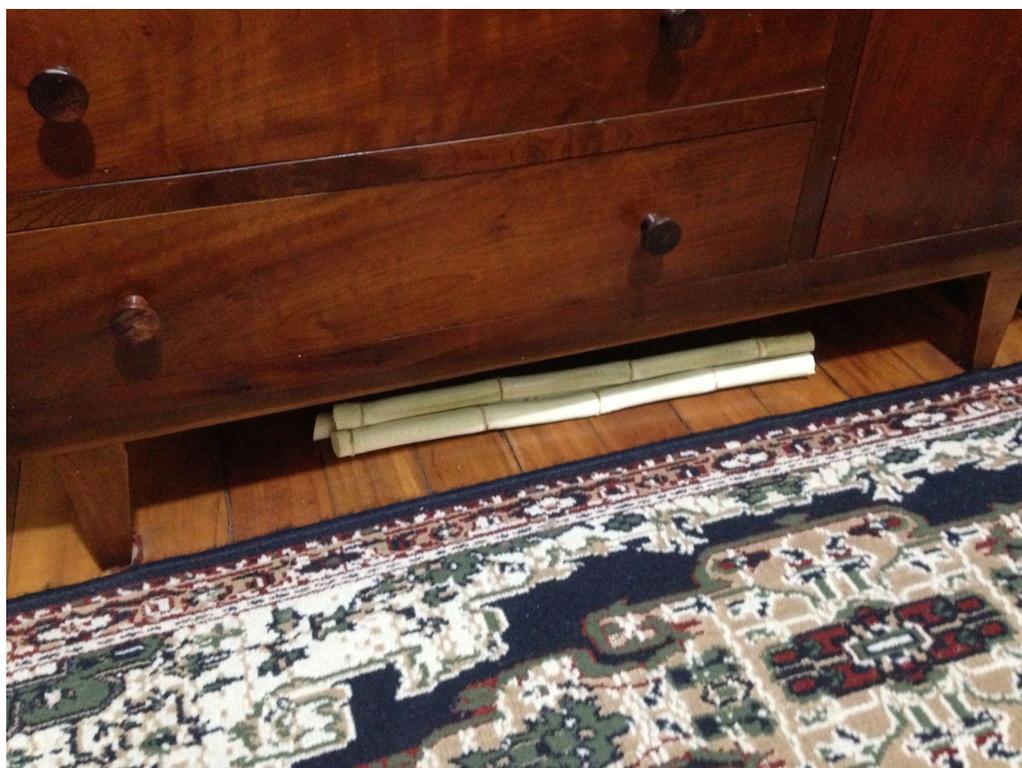


Figura 10 — Três pedaços de cana-de-açúcar são colocados embaixo do *butsudan*. A explicação que tive é que a maioria dos antepassados seriam idosos, portanto, os pedaços representam uma bengala e, como estão fazendo uma viagem, também seriam um apoio para carregar a bagagem. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 11 — Um *gwati* importante para o *Ukui* é o *mochi* branco, bolinho de arroz glutinoso cozido no vapor. A preparação deste *gwati* leva tempo e os doces não duram muito, por isso em muitas ocasiões acabam sendo comprados em lojas de produtos asiáticos. Em 2018, Yaeko fez os *mochis* em casa. Após bater os grãos de arroz com água no liquidificador, a massa ficou escorrendo em sacos de pano por um dia. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 12 — Após cozinhar a massa do *mochi* no vapor, pedaços são colocados em uma travessa com amido de milho para serem moldados. Os *mochis* oferecidos no *butsudan* geralmente não tem recheio, mas meu avô gostava deles recheados com *anko* (pasta de feijão doce) e por isso os *mochis* recheados passaram a fazer parte das oferendas. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 13 — No *Ukui*, os *gwatis* mais elaborados são oferecidos diante do *butsudan*, representando o banquete final para os antepassados. Familiares, amigos e *shimanchuus* visitam a casa para acender *senko* diante do *butsudan* e trazer pacotes de presente, geralmente produtos de uso doméstico. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 14 – Na noite do *Ukui*, os familiares acendem *senko*, três cada um, e depositam no *okuro*, incensário azul e dourado no centro do *butsudan*.
Fonte: Acervo pessoal, 2016.



Figura 15 — Ao fim do *Ukui*, as flores e os líquidos são despejados em um balde, em que são queimadas folhas de *uchikabi*, papéis amarelos com impressões de moedas que representam dinheiro para os antepassados. A fumaça dos incensos ou da queima dos objetos é considerada a forma que os itens oferecidos e as mensagens são transmitidas para os espíritos dos antepassados. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 16 — Existe uma liberdade de adaptação das oferendas, devido à possível falta de acesso aos ingredientes. Em Okinawa e até mesmo em lojas especializadas de artigos de Okinawa na ilha principal do Japão, eles são encontrados com facilidade. No Brasil, alguns itens como o *uchikabi* são mais difíceis de encontrar. Em 2016, minha família utilizou um pacote de trazido de Okinawa por uma *yuta*, mas em 2018 foi necessário improvisar, fazendo cópias de moedas em papel sulfite amarelo. Fonte: Acervo pessoal, 2016.



Figura 17 — Durante a maior parte do tempo na noite do *Ukui*, as mulheres e as pessoas mais jovens da família ficam em volta da mesa da cozinha, conversando, comendo e continuamente preparando e organizando os alimentos. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 18 — Os homens mais velhos costumam ficar na mesa da sala de jantar ou em outros cômodos, além de “fazerem sala” para as visitas. Os espaços na casa, assim como as funções são separadas por gênero e geração. Fonte: Acervo pessoal, 2018.



Figura 19 — Outra característica interessante desse evento são as frutas. Quando eu era criança, o Obon era minha missa favorita porque ao final as frutas eram distribuídas entre as crianças. Meus primos e eu ficávamos comentando sobre quais frutas cada um gostaria de levar. Depois de retirar a maioria das oferendas, que são sempre consumidas e divididas entre os participantes, apenas alguns pratos são mantidos após o ritual final. Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Glossário

Butsudan: termo do japonês, originalmente se refere ao altar budista mas no contexto da diáspora okinawana trata-se do oratório em que é colocado o *ihai* ou *tootoome* para reverência aos antepassados.

Gwati: termo em *uchinaaguchi* que significa iguaria ou guloseima. Esta expressão é utilizada para se referir aos alimentos servidos nas missas como oferendas aos antepassados.

Ihai ou **tootoome:** nome dado às tabuletas memoriais nas quais são inscritos os nomes e demais informações dos falecidos. Segundo Konno (2016) é a expressão máxima do Culto, pois simboliza o antepassado. As tabuletas são organizadas dentro de uma estrutura de dois andares, divididas por gênero (LEBRA, 1985).

Hinukan: deidade do Fogo, que conecta os vivos às deidades mais elevadas e antepassados de Okinawa, apesar destes conceitos serem pouco precisos. Dentro da casa, é representada por um altar na cozinha, geralmente perto do fogão, com um *okuro* branco, um copo de água, um copo com folhas verdes e um ou três montes de sal. Esta prática possui influência taoísta, vinda da China (LEBRA, 1985).

Missa: termo utilizado no Brasil para os eventos de Culto aos Antepassados nas famílias okinawanas.

Senko: incenso em japonês.

Shimanchu: literalmente “povo ou pessoa da ilha” em *uchinaaguchi*. Este termo é utilizado como um marcador de uma vila ou cidade de origem em comum em Okinawa. Este conceito é uma das bases das redes de conexões sociais em Okinawa e na diáspora, funcionando como uma subdivisão mais específica da identidade étnica.

Uchinaa: nome da ilha principal de Okinawa na língua local.

Uchinaaguchi: uma das línguas nativas de Okinawa, literalmente significa “língua de Uchinaa”.

Yuimaru e Ichariba chode: estes conceitos podem ser traduzidos do *uchinaguchi* como “ajuda mútua” e “se nós nos encontrarmos uma vez, somos irmãos”, respectivamente, e são comuns em conversas sobre as relações entre *shimanchus*.

Yuta: nomenclatura dada às xamãs em *uchinaaguchi*. Geralmente do sexo feminino, as *yutas* alegadamente tem a capacidade de se comunicar com espíritos e outras deidades, de apontar as causas de infortúnios e guiar suas remediações. As *yutas* ainda existem em Okinawa e surgiram também na “comunidade okinawana no Brasil” (LEBRA, 1985; MORI, 2012).

REFERÊNCIAS

BELL, Rosamund. Women in the religious life of the Ryukyu islands: structure and status. **Journal of the Anthropological Society of Oxford**. v. 15, n. 2, University of Oxford, 1984, p. 119 – 136.

BOLLINGER, Edward E. The Unity of Government and Religion in the Ryūkyū Islands to 1,500 A.D.. **Contemporary Religions in Japan**, v. 10, n. 1/2, Nanzan University, 1969, p. 1–56, <http://www.jstor.org/stable/30233923>.

DE VOS, George A.; WAGATSUMA, Hiroshi. Cultural Identity and Minority Status in Japan. In: ROMANUCCI-ROSS, Lola; DE VOS, George A.; TSUDA, Takeyuki (Ed.). **Ethnic Identity: Problems and Prospects for the Twenty-First Century**. Lanham, MD: AltaMira Press, 2016, Cap. 4, p. 119-156.

DIMAGGIO, Paul; GARIP, Filiz. Network Effects and Social Inequality. **Annual Review of Sociology**. v. 38, n. 1, p. 93–118, 2012.

HESHIKI, Yoshiharu. **Okinawa no saishi to shinkō** (Rituais e religiões de Okinawa). Tóquio: Daiichi Shobō, 1990.

LEBRA, William P. **Okinawan Religion: Belief, Ritual, and Social Structure**. Hawaii: University of Hawaii Press, 1985.

KONNO, Samara. **Retornando à casa**: o culto aos antepassados okinawanos. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MORI, Koichi. Se tornando uma xamã étnica okinawana no Brasil – A xamanização como um processo subjetivo e criativo de re-culturalização. **The annual report**: the study of nonwritten cultural materials. Kanagawa: Kanagawa University, n. 8, 2012.

SHIMABUKO, Gabriela. Asadoya Yunta. **PROA Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 10, p. 86-100, 18 ago. 2020.

Recebido em: 16/09/2021

Aprovado em: 07/03/2022

“Celebração do Obon em uma família okinawana em São Paulo”, de autoria de Gabriela Tamy Gushiken, está licenciado sob CC BY 4.0.

